

## FRATERNIDADE SACERDOTAL JESUS CARITAS

Equipe internacional

### Preparação para a canonização de Charles de Foucauld



Texto 5: diálogo  
versão: Brasileira

autor: Jean-François BERJONNEAU, France  
Tradução: Carlos Roberto dos Santos

22 de janeiro de 2021

## O DIÁLOGO NO INTINERÁRIO ESPIRITUAL DO IRMÃO CARLOS

O Irmão Carlos viveu sessenta anos antes do Concílio Vaticano II.

A noção de diálogo inter-religioso tal qual ouvimos atualmente na Igreja era totalmente estranha para ele. Embora eu acredito que ele tenha sido um precursor das aberturas do Concílio à dimensão universal da missão da Igreja, o processo de diálogo entre os crentes cristãos e os muçulmanos enquanto tal não se enquadra nessas categorias. Ele viveu com a teologia de seu tempo, com medo de se juntar aos muçulmanos para salvar “essas almas ignorantes”, fazendo-as conhecer a Cristo.

Além disso, ele desempenhou seu ministério em um contexto sócio-político específico. A França, em sua época, estendia seu império colonial sobre parte da África. Na época, muitos acreditavam que ela estava fazendo um trabalho civilizador e que poderia fornecer a educação necessária para libertar os povos colonizados da pobreza e da ignorância. O irmão Carlos aderiu a este objetivo. Ele, portanto, não via no Islã de seu tempo uma religião com consistência própria, com sua história e suas diferentes correntes, com algumas das quais os cristãos pudessem dialogar.

Embora o Islã tivesse exercido sobre ele, num determinado momento de sua vida, um certo fascínio e o encontro com os muçulmanos constituísse para ele uma etapa não desprezível no caminho de sua conversão, ele estava longe de concordar com a visão conciliar do Islã segundo a qual “A Igreja olha com estima os muçulmanos que adoram o Único Deus, vivo, misericordioso e todo-poderoso, criador do céu e da terra, que falou com os homens ...” (Nostra Aetate nº 3). Não foi, portanto, na problemática teológica do Concílio Vaticano II, que reconhece nas religiões não cristãs a presença de “sementes da Palavra” que podem constituir uma base para entrar em diálogo com os crentes de outra religião. Portanto, não se encontrava na problemática teológica do Concílio Vaticano II, que reconhecia nas religiões não cristãs a presença de “sementes da Palavra” que podem constituir uma base para entrar em diálogo com os crentes de outra religião.

Sem dúvidas, parece-me que podemos considerar o Irmão Charles como um precursor do diálogo. Pois ele instituiu com as populações muçulmanas que conheceu, em particular com os tuaregues, um “diálogo de vida” que foi então apresentado pela encíclica “Ecclesiam Suam” do Papa Paulo VI em 1964, como base fundamental para qualquer diálogo: “Não podemos salvar o mundo exterior; como a Palavra de Deus que se fez homem, devemos assimilar, em certa medida, as formas de vida daqueles a quem queremos levar a mensagem de Cristo ... Devemos compartilhar seus usos comuns, desde que sejam humanos e honestos, especialmente os costumes dos mais pequenos,

se quisermos ser ouvidos e compreendidos. Antes mesmo de falar, é necessário escutar a voz, e mais ainda, o coração do homem ... Devemos fazer-nos irmãos dos homens ... O clima de diálogo é a amizade” nº 87.

Assim, o Irmão Charles, dedicando toda a sua energia e grande parte do seu tempo para aprender a língua dos tuaregues com os quais compartilhava a vida, desenvolvendo conversas muito simples sobre a realidade do seu cotidiano, abrindo-se a eles, à sua poesia e, assim, procurando entender a genialidade deste povo, soube abrir, pelo diálogo com os seus anfitriões, um clima de confiança a tal ponto que se tornou, para muitos, “um amigo”. Assim, mostrou que a missão da Igreja é também suscitar irmãos, respeitando as diferenças culturais ou religiosas, como a Igreja fez posteriormente em muitos países do planeta, impulsionada pelas aberturas do Concílio Vaticano II.

Podemos, portanto, reconhecer, como padres membros da Fraternidade sacerdotal Jesus Caritas, que o Irmão Carlos nos abriu uma espiritualidade de diálogo que ainda pode nos inspirar nos encontros que vivemos não só com os muçulmanos, mas também com todos aqueles que não compartilham nossa fé. Assim, o caminho de diálogo que ele abriu com os tuaregues desdobrou-se em vários movimentos fundamentais:

- Ele soube distanciar-se de tudo para mergulhar no país do outro. Ele realizou este movimento que o Papa Francisco chama de "uma Igreja em saída". Ele queria ser acolhido por essas pessoas e tornar-se, tanto quanto possível, "um deles". E fez do aprendizado da língua deles (os tuaregues) uma obra mística, porque isto tinha, para ele, o sentido da encarnação de Cristo nesta humanidade que ele veio salvar.
- Embora seu maior desejo fosse que os muçulmanos se convertessem à fé cristã, ele nunca exerceu qualquer pressão para alcançar seus objetivos. Ele sempre respeitou a liberdade deles. Em 1908, ele reconheceu que não faria nenhuma conversão e concluiu que provavelmente não era a vontade de Deus. Mas ele permaneceu no meio desse povo tuaregue em nome da aliança que fizera com eles, simplesmente para avançar no caminho da fraternidade com eles.
- Seu objetivo: tornar-se amigo do outro. Em uma carta que endereçou a um correspondente, ele caracterizou o modo de relacionamento que queria adotar com os muçulmanos ao seu redor: “Primeiro, preparar o terreno em silêncio por meio da bondade, do contato íntimo, exemplo; amá-los do fundo do coração, ser estimado e amado por eles; Desse modo, quebrar preconceitos, ganhar confiança, adquirir autoridade - isso leva tempo - depois falar em particular aos mais dispostos, com muita prudência, e, pouco a pouco, de várias maneiras, dando a cada um conforme sua capacidade de receber.” Não podendo anunciar explicitamente o Evangelho, ele quis fazer de sua própria pessoa a presença do Evangelho. Era isso o que ele entendia quando disse que queria "gritar o Evangelho não com as palavras, mas com toda sua vida"
- Ele soube adaptar-se à maneira como Deus olha para os muçulmanos que conheceu. Ele não os viu primeiramente como "infiéis" ou "descrentes", mas, em seu desejo de se tornar um irmão universal, ele os considerou "irmãos amados, filhos de Deus, almas redimidas pelo sangue de Jesus, amadas almas de Jesus ”
- Ele manifestou o rosto de uma Igreja diaconal. Ele não somente morou com eles, mas também contribuiu, na medida de suas possibilidades, para a melhoria de suas condições de vida e para o desenvolvimento do país. Ele lutou contra a

escravidão, combateu as doenças, introduziu a medicina, novas técnicas agrícolas e meios de comunicação neste país tão pobre.

- Sempre que pôde, ele abriu um diálogo espiritual com os muçulmanos. Claro que ele não aderiu à doutrina do Islã de forma alguma. Mas ele reconheceu nela um ponto em comum com a fé cristã: o duplo mandamento de amar a Deus de todo o coração e de amar o próximo como a si mesmo. Com base nisso, ele desenvolveu numerosos diálogos com seus amigos muçulmanos, mostrando-lhes em várias circunstâncias como esse duplo mandamento poderia se desenvolver em suas relações diárias.
- Finalmente, e este não é um dos menores elementos do diálogo, ele fez do mistério pascal o caminho real para o diálogo. Pois, contemplando constantemente a vida de Cristo em Nazaré, como Ele percorreu o caminho da humildade, da pobreza, da escuta e do morrer para si mesmo no encontro com o outro. Ao longo de sua vida, ele demonstrou que "não há maior amor do que dar a vida por aqueles que você ama." Apresentando-se como "um pioneiro", mostrou-nos que o diálogo da vida faz parte integrante da missão da Igreja.